

Por uma geo-grafia negra

O nome desse país, em cujo coração estava outrora o reinado de Ghana, diz muita coisa a um brasileiro de sua árvore genealógica, de resto completamente inútil, mas desconfiado de que talvez aqui estaria suas origens.

Milton Santos – *Marianne em preto e branco* – 1960

Nós geógrafos/as negros/as, docentes e discentes, em reunião com 60 (sessenta) participantes no XIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia, provenientes de 20 (vinte) Instituições de Ensino Superior, abrangendo as 5 (cinco) regiões brasileiras, concentrados nos Grupos de Trabalho “Espaço, cultura e diferença: as dimensões étnicas, sociais e ambientais dos sujeitos e dos conflitos Socioespaciais”; “Geografia e diversidade: gêneros, sexualidades, etnicidades e racialidades” e “Geografias, Giro Decolonial e Epistemologias do Sul” e na mesa redonda “Geografia, gêneros e questões étnico-raciais”, dirigimo-nos à Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), à Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e ao conjunto dos/as estudantes e profissionais de Geografia para apresentar nossas demandas e proposições por uma geo-grafia negra.

Nos anos 1990, Milton Santos trazia a lume seus escritos sobre o racismo na sociedade brasileira, por meio das noções de “corporeidade” e “cidadanias mutiladas”. Outros/as geógrafos/as negros/as também realizavam estudos e pesquisas acerca de comunidades negras, quilombos e favelas, abordando as categorias espaço, território, fronteira, etnia e raça, em consonância com as formulações da intelectualidade negra ativista. Iniciava-se então a geo-grafia negra, correlata das geografias feministas e *Black Geographies* nos Estados Unidos da América e no Canadá e dos estudos de gênero e sexualidade no Brasil.

Somos um movimento composto por geógrafos/as negros/as, em distintas trajetórias de formação e atuação, que dirigimos nossos estudos e pesquisas para as questões negras, raciais, étnicas e africanas, por vezes correlacionando-as com etnicidade, gênero e sexualidade em suas dimensões espaciais. Nas linhagens de autores/as que referenciamos, assinalamos os trabalhos do polígrafo Manuel Querino e outros/as intelectuais negros/as estudiosos/as da diáspora africana, das culturas e espacialidades negras, a exemplo do artista e político Abdias Nascimento, da cientista social Lélia Gonzalez, da historiadora Beatriz Nascimento e do comunicólogo Muniz Sodré.

Trazemos em nossas preocupações o horizonte espaço-temporal da África e das sociedades africanas na antiguidade, no medievo e, sobretudo, no período moderno-colonial em que a ampliação e aprofundamento do capitalismo se processa com o controle territorial, o imperialismo e a globalização. Interessam-nos os estudos da formação socioespacial brasileira e africana e seu caráter étnico, racial, cultural, diaspórico e territorial, articulando-a no sistema-mundo na perspectiva atlântica.

Em nosso entendimento, a racialidade, a etnicidade e a africanidade constituem o espaço em sua ontologia – na conformação das relações e das práticas sociais, raciais, étnicas, de gênero e sexuais –, o território em suas várias configurações e escalas de poder e os lugares qualificados pela diferença. As questões para uma geo-grafia negra podem ser observadas e acionadas no espaço urbano (na segregação, nos territórios e lugares, na espacialidade dos movimentos sociais; no rural (na terra, nos quilombos); nos estudos de população (nos percentuais populacionais, nos projetos de genocídio negro), no ensino, na educação e na escola (como conteúdo - a temática étnico-racial e africana, como metodologia - as pedagogias negras e africanas, como corpos - docente, discente e técnico e na relação escola

- bairro ou comunidade); no ambiente (nas situações de vulnerabilização das terras indígenas e quilombolas, dos riscos socioespaciais e socioambientais e de racismo ambiental); nas trajetórias e corporeidades de sujeitos individuais e coletivos em suas diferentes espacialidades e territorialidades.

Não há um projeto único de geo-grafias negras. Trazemos algumas questões: ter condições e recursos de estudo e pesquisa das temáticas étnica, racial e africana, seja em equipes diversas - étnica e racialmente - ou em grupos negros; ter nos cursos de ensino básico, técnico e tecnológico, de graduação e pós-graduação a possibilidade de estudar estas temáticas na perspectiva da autoria negra de Geografia e áreas afins; reconhecer o estatuto epistemológico de um conjunto de saberes e conhecimentos negros, inclusive aqueles produzidos por mestres/as do saber e pela militância; ter como perspectiva, no horizonte das políticas de ações afirmativas, a implantação de cotas étnico-raciais e o aumento do número de geógrafos/as negros/as como docentes do ensino superior.

No passado recente e na contemporaneidade, temos interagido com geógrafos/as vinculados/as a diversas vertentes teóricas, o que indica o lastro e o alcance da geo-grafia negra que referenciamos, fazemos e propomos.

São Paulo, 06 de setembro de 2019.

Instituições e núcleos representados: Universidade Federal do Tocantins/UFT, Universidade Federal de Rondônia/UNIR, Universidade Federal do Oeste do Pará/UFOPA, Universidade Federal do Pará/UFPA, Universidade Estadual do Pará/UEPA, Universidade Federal de Pernambuco/UFPA, Universidade Federal da Bahia/UFBA, Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Universidade Federal de Goiás/UFG, Universidade Federal de Uberlândia/UFU, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Universidade Federal Fluminense/UFF, Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ, Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/CTUR-UFRRJ, Universidade de São Paulo/USP, Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE, Instituto Federal do Maranhão/IFMA, Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras do Departamento de Geografia na Universidade de São Paulo (NEPEN-USP), Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – Seção Niterói, Casa das Pretas – RJ.

ANOS
1993 - 2018